Capítulo IV — Primeira dificuldade: Destruir o judaísmo

I

A empresa apresenta duas fases: a fase de destruição e a fase de reconstrução. Abolir a religião de todos os povos e substituí-la por outra: duplo aspecto sob o qual é preciso estudar essa imensa revolução.

Relativamente ao resto da humanidade, os Judeus eram em pequeno número, é verdade; mas tinham pela sua religião um apego muito vivo, muito fundado, muito interessado.

II

Apego muito vivo. Havia vários séculos, estavam radicalmente curados da sua inclinação à idolatria. Antes que renunciar à lei de Moisés, haviam sofrido, da parte dos reis da Síria, as pilhagens, as devastações, as afrontas e toda sorte de maus-tratos. Em defesa de sua fé, muitos haviam derramado o sangue nos campos de batalha, sob a direção de Matatias e de seus filhos; outros, como Eleazar e os Macabeus, a haviam generosamente confessado diante dos tiranos e, antes que a abjurar, deixaram-se matar em meio aos mais horríveis suplícios.

III

Apego muito fundado. O judaísmo era a religião verdadeira. Tinha o próprio Deus por autor; os patriarcas e os profetas, glória da nação, por intérpretes; os próprios Judeus por únicos depositários. Jerusalém era a cidade santa por excelência. Seu templo, o único santuário do mundo onde o verdadeiro Deus acolhia as adorações dos homens e dava os seus oráculos. Uma longa série de prodígios servia de fundamento a essa religião. A fidelidade dos filhos de Israel a essa lei descida do céu fora a fonte de bênçãos inumeráveis. Merecera-lhes as boas graças dos mais soberbos conquistadores; fazia ainda a sua superioridade sobre os outros povos.

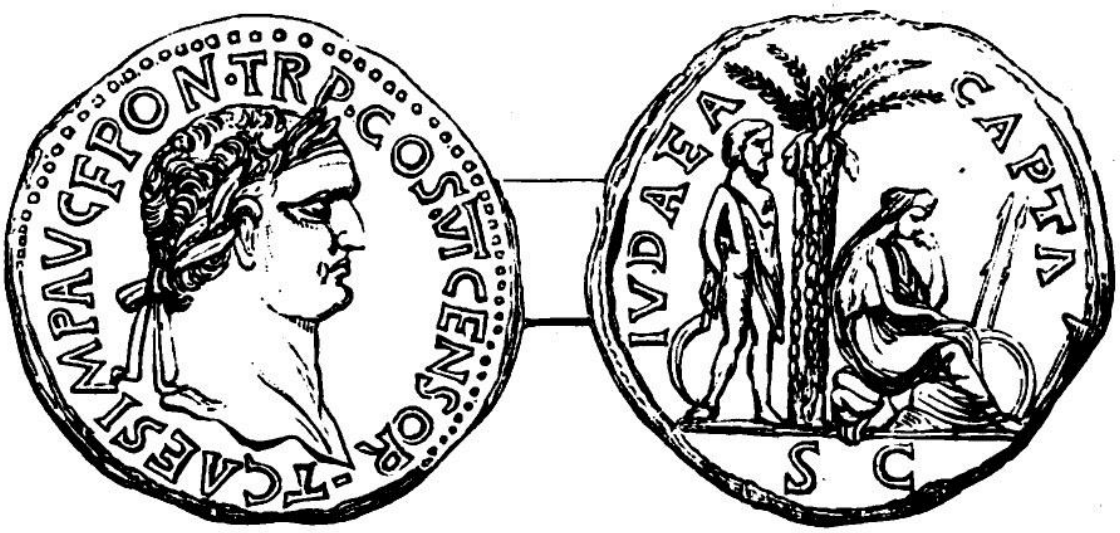
IV

Apego muito interessado. A interpretação mentirosa dada às profecias pelos fariseus lisonjeava de tal modo o orgulho nacional que se tornara a base de todas as esperanças. Com obstinação fanática, os Judeus esperavam um Messias conquistador, que os livrasse do odioso jugo dos gentios, lhes pusesse nas mãos o cetro do universo e fizesse reviver, com novos esplendores, os belos dias do reinado de Salomão.

V

Ora, era preciso persuadi-los de que a interpretação farisaica das profecias era um erro; sua expectativa de um Messias conquistador, uma quimera; sua religião, uma sombra vã que ia ceder lugar à realidade; seu título, até então exclusivo, de povo de Deus, um título que devia ser partilhado por todos os povos.

Era preciso persuadi-los de que seu ódio e seu desprezo hereditários pelos gentios eram dois sentimentos culpáveis, a serem substituídos por um amor de irmãos, sem restrição nem reserva. Por conseguinte, deviam passar por cima das proibições da lei de Moisés, que lhes vedava todo comércio religioso com os pagãos, e, sob pena de condenação eterna, adorar com eles, num mesmo culto, nos mesmos templos, um homem julgado, condenado, supliciado, de comum acordo, por eles e pelos pagãos, como insigne malfeitor, e reconhecê-lo como o único Deus do céu e da terra.



> **A Judeia conquistada.** À esquerda, a efígie de Tito, vencedor de Jerusalém; à direita, a Judeia cativa sentada sob uma palmeira. Gabinete de medalhas, Paris.

Revision #2
Created 22 November 2026 12:49:43 by Admin
Updated 22 November 2026 15:38:03 by Admin